

O PROTESTO NO CAMPO ARGENTINO: observações e impressões

LA PROTESTA EN EL CAMPO ARGENTINO: observaciones e impresiones

Marcelo Cervo Chelotti

Doutorando do PPGEU/UFU/MG

Bolsista FAPEMIG

LAGEA/IG/UFU

mchelotti@hotmail.com

Resumo: A partir de duas experiências vividas a campo, durante os recentes protestos do setor agropecuário argentino, gostaria de compartilhar minhas impressões sobre o tema, obtidas durante um estágio realizado na Universidade de Buenos Aires (UBA). Os protestos permanecem latentes, necessitando de reflexões sobre qual modelo de desenvolvimento deverá seguir o campo argentino.

Palavras-chave: Campo. Protesto. Argentina.

Resumen: Desde dos experiencias vividas en campo, durante las recientes protestas del sector agrícola argentino, quisiera compartir mis opiniones sobre el tema, obtenidos durante una pasantía en la Universidad de Buenos Aires (UBA). Las protestas permanecen activas, con la necesidad de reflexiones sobre qué modelo de desarrollo debe seguir el campo argentino.

Palabras-clave: Campo. Protesta. Argentina.

O contexto

De 13 de março a 16 de maio de 2008 realizei um estágio junto ao *Programa de Economías Regionales e Estudios Territoriales* (PERT), vinculado ao Instituto de Geografía da Universidade de Buenos Aires (UBA), sob orientação da profa. Dra. Mabel Manzanal. Cheguei à capital portenha bem no início das primeiras mobilizações promovias pelos agricultores argentinos, que descontentes com as medidas governamentais de aumento das retenções dos produtos agropecuários para exportação, geraram a mais recente crise entre governo e produtores rurais.

Embora minha estadia tenha durado dois meses na Argentina, as situações que presenciei nesse período em relação aos protestos do campo foram muito intensas. Os protestos consistiram em interromper o fluxo de circulação de pessoas e mercadorias, principalmente as de origem agropecuária. De pontos isolados, a manifestação espalhou-se

pelo país a fora, mas concentrando uma maior intensidade na região pampeana, principal produtora de grãos e carne da Argentina.

Acompanhar os protestos de perto foi uma experiência impar, pois geralmente ficamos sabendo das informações por meio da mídia, e no caso dos protestos no campo argentino pude respirar a atmosfera que cercava a temática. Minhas observações presentes nesse relato foram possíveis graças a dois momentos específicos vividos por mim. O primeiro refere-se a uma viagem para o interior do país no feriado de páscoa onde fiquei horas na estrada em função dos inúmeros cortes nas rodovias. Um segundo momento, foi minha participação em um dos atos de apoio ao governo promovido por setores favoráveis à política de retenções, como os sindicatos, associações de direitos humanos, dentre outros.

Observações e impressões

Historicamente a economia Argentina desenvolveu-se extremamente dependente do setor agropecuário para a geração de divisas, principalmente da produção carnes e grãos provenientes das férteis planícies da região pampeana. A formação da burguesia rural argentina, a classe *terrateniente*, esteve associada ao domínio espanhol no Prata, onde a posse da terra se deu a partir de grandes extensões, típico de países com herança colonial na América latina.

A argentina orgulha-se por sua tradição agropecuária, na sua vanguarda no melhoramento genético do gado de corte. A sua projeção no mercado internacional deu-se na medida em que abasteceu o mundo em guerra com a carne produzida na Pampa. No âmbito da agricultura tornou-se uma grande produtora de trigo, cultura de inverno, e também com grande demanda no mercado internacional. O Brasil é extremamente dependente de sua produção, fato que seguidamente tem gerado grandes oscilações no mercado interno de pães e seus derivados.

O campo argentino tem passado por significativas transformações nos últimos anos. A principal transformação é na sua paisagem. Os campos pampeanos foram tomados pelo cultivo da soja, que avança cada vez mais para áreas extra-pampeanas. Nesse quesito, existe uma enorme semelhança com a realidade brasileira, principalmente se pararmos para pensar o que eram as áreas de Cerrado a menos de trinta anos. As paisagens da

Pampa e do Cerrado cada vez mais se apresentam com paisagens do passado, pois a lógica do presente é torná-las cada vez mais homogêneas, ou seja, paisagens da monocultura da soja.

Em função dos altos preços internacionais dos alimentos, a exportação de produtos agropecuários tornou-se a “menina dos olhos” do agronegócio pampeano, que de certa maneira é sinônimo de soja. A conciliação entre produção de alimentos para o mercado interno, com baixos custos para a classe trabalhadora, e a crescente valorização dos grãos, em especial da soja, no mercado internacional, é o grande gargalo dessa política macroeconômica, que tenta sustentar-se na exportação de produtos agrícolas para o mercado internacional.

Especialistas são taxativos em dizer que nos últimos cinco anos, a economia argentina esteve num período de forte crescimento econômico, impulsionado fortemente pela alta cotação do dólar, e pela crescente demanda internacional de grãos. É por isso, que o “campo argentino”, ou melhor, dizendo, segmentos do agronegócio, têm se mostrado descontentes com a vigente política governamental de aumento das taxas retenções de produtos agropecuários destinados a exportação. Os reflexos foram os inúmeros protestos em diversas províncias argentinas, com o trancamento de rodovias, que objetivavam desabastecer de alimentos a Capital Federal e a grande Buenos Aires, e assim, pressionar o governo para atender reivindicações dos produtores rurais.

Minha primeira experiência com o protesto se deu no feriado de Páscoa, quando viajei até a província de Córdoba. A viagem de ônibus de Buenos Aires até Córdoba estava estimada em torno de dez horas, mas, em função dos cinco cortes de rodovias, a viagem demorou mais cinco horas.

O que vi no caminho para Córdoba. Para começar não muita coisa. Como assim? Em relação à paisagem, nada de Pampa, pelo menos em seu estado “natural”, e sim, muita soja, numa planície que chega ser monótona. Imagine de Buenos Aires à Córdoba um mar, ou melhor, dizendo um deserto de soja. O que mais me chamou atenção foi a homogeneidade da paisagem, quase tudo soja, salvo a sede das antigas estâncias, agora transformadas em empresas capitalistas.

Desde a chegada dos espanhóis, até o início do século XXI, a paisagem pampeana sofreu profundas transformações, acompanhando os distintos momentos da geografia econômica argentina. Aquele horizonte profundo e monótono da planura pampeana, outrora formada por um vasto campo natural, ocupado pelos índios e animais selvagens,

foi sendo incorporada ao domínio espanhol de acordo com as demandas da coroa. Assim, além da função portuária, a foz do Prata também foi responsável por abastecer a Europa de carne, lã e posteriormente cereais.

A paisagem formada por excelentes campos nativos, favoreceu o desenvolvimento de uma pecuária de corte, responsável por projetar a Argentina no cenário mundial, principalmente abastecendo o mundo em guerra com carnes produzidas na pampa, que eras escoadas pela vasta rede ferroviária no interior do país e que se conectavam com o porto de Buenos Aires.

Em função do clima temperado, boa qualidade do solo, e facilidade na mecanização, a pampa foi utilizada para o cultivo de cereais, principalmente o trigo. Embora a terra estivesse concentrada nas mãos dos *terratenientes* (latifundiários), o arrendamento para os *chacreros* (pequenos produtores), em sua maioria imigrantes europeus, especialmente italianos, transformou a pampa num grande “celeiro”, cultivando trigo, milho e soja. A Pampa transformou-se em sinônimo de “identidade” da Argentina, em função de concentrar o coração econômico e político do país.

Estudos demonstram que a produção da região pampeana (carnes, grãos e seus derivados) ocupa um lugar hegemônico ao contribuir com 80% das exportações de origem agropecuário. Nos últimos anos, tornou-se evidente o avanço da agricultura sobre a pecuária, principalmente a partir da expansão da produção de soja e os derivados do complexo oleaginoso, sobre as demais atividades agrícolas e de pecuária.

O avanço do cultivo de lavouras transformou a racionalidade da pecuária de corte, setor econômico importante na economia e alimentação nacional, passando em muitos casos a ser desenvolvida em sistema de confinamento, maximizando o uso da terra, e disponibilizando mais espaços para a rentável exploração agrícola.

Mas existe uma outra geografia do campo na Argentina. Genericamente associamos o campo argentino como sendo a Pampa. Em partes é verdade, pois foi a partir dela que o país se projetou economicamente no mercado mundial. Também é verdade que a “identidade” predominante no país está associada ao *gaucho* e seus elementos simbólicos. Mas o que predomina no campo argentino é uma heterogeneidade socioespacial, fruto de uma diversificada geografia “natural” e “social”.

Por isso é muito comum na literatura a terminologia “extra-pampeana”, ou seja, os espaços que estão além da Pampa. O campo extra-pampeano revela uma Argentina para além do espaço latifundiário, embora este esteja presente por todo país, como em toda

América Latina. Uma Argentina “campesina”, principalmente em sua porção andina representa a grande diversidade sociocultural que muitas vezes é negligenciada. Por décadas os *pueblos originários* foram relegados a segundo plano, como se não fizessem parte do agro argentino.

Nas últimas décadas, principalmente após a ditadura militar da década 1970, expandiu-se para outras regiões o que os argentinos denominam de processo de *pampenización*. Isso significou a expansão da fronteira agrícola argentina e a incorporação de áreas localizadas ao norte, proximidades com o Chaco, a lógica capitalista de produção de grãos, principalmente a soja. Assim, capitais da chamada “Pampa húmeda” foram aplicados nessas áreas de expansão da fronteira agrícola, reproduzindo o sistema de exploração da terra existente na pampa.

A partir de 2001, período em que a Argentina vivenciou uma séria crise econômica, em função do fracasso do plano de convertibilidade, o dólar em alta favoreceu ainda mais a expansão do cultivo da soja em áreas “extra-pampeanas”, principalmente, no Chaco árido verificando-se um acelerado processo de desmatamento.

O interessante aqui é observar que essa lógica também ocorreu no Brasil, quando no início da década de 1980, o cultivo da soja migrou do Sul do país para outras regiões, principalmente para as áreas de Cerrado e mais recentemente na Amazônia. O desmatamento e os impactos sócio-ambientais foram inevitáveis, embora acompanhados por um aparente crescimento econômico e inserção ao mercado nacional.

Nos últimos os “sojicultores” argentinos tem se beneficiado pela alta do dólar e do euro, favorecendo a exportação de soja para o mercado internacional, principalmente para a Europa e China. Existe uma estimativa que os campos argentinos são responsáveis por alimentar cerca de 300 milhões de pessoas.

Em função da exportação desenfreada, justificada pela enorme demanda mundial, ocorreu uma crescente suba nos preços dos alimentos, além de provocar desabastecimento para algumas agroindústrias. A partir desses fatores, o governo argentino tem, desde o início do ano, anunciado mudanças nas taxas de exportações, para prevenir o desabastecimento interno, ou seja, baratear a alimentação ao mesmo tempo em que reduz a inflação.

As retenções afetam qual campo argentino? A pergunta é necessária, pois a idéia generalizante de que o espaço agrário argentino é homogêneo, camufla sua diversidade sociocultural, ao associá-lo somente a região pampeana agro-exportadora. É evidente que

as retenções não afetam diretamente os camponeses extra-pampeanos, até porque seus cultivos não estão associados a monocultura da soja, principalmente aqueles localizados em províncias andinas.

No entanto, considerar os agricultores da região pampeana como um grupo homogêneo também me parece um pouco simplista, uma vez que existe uma diversidade de sujeitos envolvidos. Os produtores de grãos e cereais compõem um grupo bastante heterogêneo, estando lado a lado os pequenos produtores (até 200 hectares), os médios (até 1000 hectares) e os grandes (mais de 1000 hectares). Além, é claro das empresas agropecuárias de capital internacional que depois da crise de 2001 começaram a adquirir terras na fértil pampa para o cultivo da soja.

O elemento unificador de todos esses sujeitos é sem dúvida a alta tecnologia empregada no cultivo das lavouras. Por sinal essa foi uma das características que projetou a pampa argentina no cenário mundial de exportação de grãos no século XX. As características ambientais associadas à planície, fertilidade natural do solo, ausência de vegetação arbórea, favoreceu a mecanização de sua agricultura, incorporando cada vez mais maquinarias no cultivo de suas lavouras.

Portanto, alterar as taxas de retenções, é mexer com um setor importantíssimo da economia argentina, ou seja, com a histórica burguesia rural, que depois de um período de “crise” durante o plano de convertibilidade, tem obtidos invejáveis taxas de rendimento com a exportação de soja para o mercado mundial.

O mês de março de 2008 foi marcado por dois episódios que envolveram diretamente o campo argentino. Por um lado, o governo lançou um plano aumento de impostos para os produtos agropecuários destinados a exportação, alegando o crescente aumento interno dos alimentos e a possível falta de matéria prima para a agroindústria nacional. Por outro, ocorreu uma reação imediata de organizações representativas do campo contrárias à proposta do governo, alegando que a atual política representava um “balde de água fria” na recente recuperação do agro argentino.

A presidenta Cristina Fernandez de Kirchner, que se encontrava em seus primeiros meses de governo mostrara-se fechada para o diálogo, ou seja, não abrindo mão do aumento das taxas de retenções. A partir daí gerou-se os primeiros episódios de protestos, enquanto uma estratégia dos agricultores para chamar a atenção da sociedade, e pressionar o governo nacional para atender seus pedidos.

Mas voltemos ao protesto. Os cortes nas rodovias foram estrategicamente planejados, pois foram realizados em pontos de maior fluxo. No feriado de páscoa existia mais de dez pontos de protesto no país, provocando uma série de transtornos para os cidadãos que se deslocavam para o interior do país. Assim, a visibilidade do ato rapidamente espalhou-se pela mídia, provocando imensos engarrafamentos. Tratores, colheitadeiras, implementos agrícolas, saíram das lavouras e ocuparam as rodovias.

Durante minha estadia na Argentina, pude identificar diferentes interpretações sobre os protestos no campo. Para alguns analistas, foram os pequenos e médios "chacrerros" que trancaram as rodovias. Para outros, foram os empresários do agronegócio. E existe uma terceira interpretação, ou seja, um pouco de tudo, pequenos, médios e grandes produtores.

Todas essas situações fizeram com que a Presidente Cristina Fernández de Kirchner se pronunciasse quatro vezes. E, no último pronunciamento na histórica Plaza de Mayo, dia 01 de abril fui participar. O que vi? Uma multidão de pessoas, não dava para imaginar que ali era uma praça, pois era muita gente, de vários sindicatos, organizações humanitárias, pessoas comuns, dentre outros. Ou seja, todos estavam na praça para apoiar as ações da Presidenta, ou seja, apoiar as retenções.

Em seu discurso, a presidenta num tom enfático, diferenciou os pequenos "chacrerros" dos grandes empresários da soja. A proposta do governo criaria diferentes níveis de taxações de impostos, ou seja, conforme o tamanho do cultivo seria o imposto. Essa mudança no discurso presidencial ocorreu em função da generalização em que se tratava os produtores de soja, desconsiderando que existe uma enorme diferença entre um pequeno produtor e uma empresa capitalista.

A grande preocupação da população foi o "fantasma" da falta de alimentos em alguns supermercados. Muitas cogitações sobre o fato surgiram. Para alguns os alimentos não se encontravam nas prateleiras em função da interrupção das rodovias. Para outros era o apoio dos donos das redes de supermercados a "causa do campo". O que pude presenciar nesses dois meses foi uma constante suba no preço dos alimentos nos supermercados portenhos.

No entanto, nos bairros de classe média, ocorreram pannelsos de repúdio as retenções do governo. E que assim, diziam os pannelsos: estamos *com o campo*! Os pannelsos foram motivados por um medo aparente, que presenciei nas prateleiras dos supermercados, uma vez que alguns produtos começaram a faltar, e reforçados pela mídia.

Mas a própria concepção de campo da classe média portenha é carregada de estereótipos e generalizações.

O contrário se verificou na *Plaza de Mayo*, onde sindicalistas, classe trabalhadora, grupos de direitos humanos e organizações não-governamentais, apoiavam as retenções propostas pelo governo. Nesse caso, o discurso pautava-se na garantia e estabilidade da inflação, que conseqüentemente baixaria o preço dos alimentos. Diferentemente dos bairros de classe média, na manifestação popular, diferenciava-se o pequeno produtor do grande empresário de soja.

O agro argentino é marcado por grandes contradições. O país que historicamente abasteceu o mundo com carnes e grãos, encontra-se num momento de aparente escassez e suba nos preços dos alimentos. Um dos fatores pode ser a questão da substituição de alguns cultivos considerados básicos, por outros mais lucrativos no mercado internacional. É por isso que a massa trabalhadora tinha em punho faixas que polarizavam ainda mais a questão: retenções ou fome.

O combate à monocultura da soja que domina a atual paisagem pampeana, e dia-a-dia expande-se para áreas ao norte nas proximidades do Chaco, foi pauta em todos os pronunciamentos da presidenta argentina. Contraditoriamente, a sua fala, o agronegócio da soja tem garantido as altas taxas de crescimento da economia argentina nos últimos anos. No entanto, provocando profundas transformações sociais, como o desaparecimento de milhares de camponeses, o despovoamento dos campos, além crescente homogeneização da paisagem pelo avanço do cultivo da soja.

O tema é bastante complexo, e deve ser compreendido para além da escala nacional, uma vez que a nova ordem internacional associada à expansão do mercado de soja, bem como sua demanda para a produção de biocombustíveis, impõe sua lógica a países como a Argentina, tornando-os reféns das demandas do mercado internacional e colocando em cheque a soberania nacional.

Essas foram minhas impressões sobre o protesto no campo argentino. O problema ainda não foi resolvido, pelo menos é o que tenho acompanhado, agora pela ótica da mídia. O que está em jogo na Argentina, mas que serve de exemplo para outros países, transcende a discussão de qual será a taxa de retenções que o governo pretende aplicar, transferindo-se para uma discussão ainda mais ampla e complexa, ou seja, que modelo de desenvolvimento seguir!